



‘Não fosse a minha atividade ideológica e cultural não teria havido aberturas’

Divulgação



Othon Bastos em ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’ (1964), um marco para o Cinema Novo e que consagraria o ator

Divulgação



‘Terra em Transe’ (1967): prêmio da crítica em Cannes

Como 2024 marca a comemoração dos 60 anos de lançamento de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964) na competição oficial pela Palma de Ouro de Cannes, a emissora resolveu preparar um tributo a seu artífice, a partir das 21h30 desta quarta, quando esse clássico do Cinema Novo será exibido na telinha. Na sequência, às 23h30, o Canal Brasil transmite “Terra Em Transe”, que recebeu em 1967, na Croisette, o Prêmio da Crítica (votado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, a Fipresci). Por fim, à 1h20 é a vez de “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”, nordestern que garantiu a Glauber Rocha a láurea de Melhor Direção no Palais des Festivals em solo cannoise.

“Fui eu que agi fundamentalmente dentro deste país para que se processasse as aberturas políticas a partir de 1972. Não fosse a minha atividade ideológica e



‘O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro’ (1969), um nordestern também premiado em Cannes

cultural não teria havido aberturas. Então eu sou o profeta da anistia. Substituí o Sinatra na política direta”, alfinetou Glauber em uma de suas últimas entrevistas.

Noutra latitude, a das artes cênicas, o Teatro Vanucci, no Shopping da Gávea, tem festejado Glauber numa micareta memorialística chamada “Não Me Entre-

go, Não!”, uma peça escrita e dirigida por Flávio Marinho na qual Othon Bastos, aos 91 anos, relembra fases icônicas de sua vida na arte. O cangaceiro Corisco, delineado pelo astro em “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, é o autor da frase que serve de título ao espetáculo. Fiel à tese sociológica de que “mais forte são os poderes

do povo”, o tal Diabo Louro imortalizado por Othon, cruzou as telas de Cannes de novo em 2022, quando o festival francês exibiu uma cópia restaurada em 4k do longa, 58 anos depois de seu lançamento nas telas da Europa, no momento em que o Brasil sofreu o golpe militar que lhe deflagrou uma ditadura de 21 anos. Memórias dos anos de chumbo e da resistência de Glauber à intolerância de farda foram rediscutidas então e são retomadas toda vez que Othon sobe no palco... ou, no caso da retrospectiva do Canal Brasil, cada vez que ele aparece na televisão. “Nossa memória está sendo incendiada, mas, ainda resistimos. Glauber resiste”, diz Othon, que segue com “Não Me Entrego, Não!”, no Vanucci, até dezembro. “A gente fez uma mensagem de resistência repercutir lá em 1964. Cada época tem um significado político, ético... desde que você esteja inteiro em cada papel... e eu sempre estou”.

